



Pesquisa Rápida
na Edição de Hoje

Ver



SECCÕES

[1ª Página](#)

[Destaque](#)

[A Semana](#)

[Política](#)

[Internacional](#)

[Espaço Público](#)

[Sociedade](#)

[Educação](#)

[Ciências](#)

[Cultura](#)

[Desporto](#)

[Media](#)

[Local Lisboa](#)

[Local Porto](#)

[Última Página](#)

[Ficha Técnica](#)

[SÓ TEXTO](#)

ÚLTIMA
HORA

Tempo

Calvin | Bartoon

Programação TV



Destaque

Reformismo para o Século XXI

Por GINA DE AZEVEDO MARQUES, em Florença
Domingo, 21 de Novembro de 1999

Em Maio o primeiro-ministro britânico Tony Blair e o chanceler alemão Gerhard Schroeder lançaram o debate sobre a "Terceira Via", uma visão comum sobre o futuro da social-democracia. O objectivo é tentar compatibilizar o crescimento económico com a justiça social, abrindo um novo caminho entre o socialismo e o neo-liberalismo. Romano Prodi, actual presidente da Comissão Europeia, propôs que alguns dos principais dirigentes socialistas do mundo se juntassem para discutir esta ideia e compararem as respectivas estratégias políticas. O encontro acontece este fim-de-semana em Florença e António Guterres é o convidado de honra. A cimeira é uma ocasião privilegiada para americanos e europeus confrontarem pontos de vista sobre temas como o trabalho e o desemprego e o Estado social.



Alguns dos mais importantes dirigentes mundiais chegaram ontem a Florença para participar num seminário que tem como objectivo debater o que significa, actualmente, ser progressista, e analisar os conceitos de terceira via, "socialismo moderno", "novo centro" ou "esquerda democrática".

O encontro, cujo título oficial é "O reformismo no século XXI", conta com a participação dos dois Presidentes dos maiores países das Américas, o norte-americano Bill Clinton e o brasileiro Fernando Henrique Cardoso, e o

grupo dos quatro países mais influentes da União Europeia: Alemanha, França, Inglaterra e Itália. O primeiro-ministro português António Guterres é o convidado de honra desta conferência, na qualidade de presidente da Internacional Socialista.

Guterres foi ontem recebido pelo primeiro-ministro italiano Massimo D'Alema e depois do encontro falou aos jornalistas portugueses: "O que vai se passar, ao contrário do que se pensava, é a prova que não existem divergências fundamentais. Existem sociedades diferentes com aplicações de conjuntos de princípios e valores e com políticas que devem adaptar-se às características específicas de cada uma. A britânica não é igual à francesa que, por sua vez, não é igual à alemã ou à portuguesa".

Durante um dia e meio de debates, oito líderes mundiais, chefes de Estado e de governos de centro-esquerda, debatem as características que deverá ter um reformismo para o próximo milénio, face ao fim dos bloqueios políticos e a um mundo confrontado com a globalização da economia.

É uma ocasião para americanos e europeus confrontarem pontos de vista sobre temas como o trabalho e o desemprego, ou o Estado social (welfare), dez anos depois da queda do Muro de Berlim, evidenciando assim as diferenças entre as estratégias que cada um segue. O encontro decorre à porta fechada.

"Independentemente do que é a tradição e a identidade da Internacional Socialista, é obvio que temos uma agenda global que visa uma transformação deste mundo para um mundo mais equilibrado e mais justo. Por outro lado, é evidente que esta agenda global passa por um diálogo necessário com as forças determinantes actuais. Nestas forças determinantes, com uma visão de progresso, estão os democratas norte-americanos", disse Guterres.

Em Itália alguns baptizaram esta reunião de centro-esquerda como a construção da "Oliveira Universal", uma referência à coligação de centro-esquerda do Governo italiano, chamada "Oliveira". Neste aspecto, os italianos não excluem a ideia de criar uma força política que, como uma árvore, contenha diversos ramos sempre coerentes com a mesma raiz. Depois desta conferência, organizada pelo Instituto universitário europeu de Florença e pela Universidade de Nova Iorque, os italianos pretendiam criar uma Fundação privada para estudar com profundidade os temas tratados.

Igualdade e liberdade

O seminário propõe também uma análise entre os princípios de igualdade e liberdade, além de um debate sobre os valores que eram separadamente definidos como de esquerda ou de direita. A este respeito Guterres declarou: "Na Europa existem movimentos de natureza conservadora, para os quais a igualdade não é em si um valor. E existem forças políticas que procuram uma nova síntese. O Estado tem que ter uma preocupação igual com todos os cidadãos e procurar combinar o valor da igualdade e da liberdade com aquilo que é a responsabilidade individual das pessoas na construção de uma sociedade moderna. Neste sentido penso que há uma diferença entre os movimentos conservadores e os movimentos que tem uma visão progressista da sociedade".

O conceito no centro desta conferência é o de "Terceira Via" (embora Jospin não tenha querido esta expressão no título do encontro), um caminho entre socialismo democrático e o neo-liberalismo económico. "Temos que combinar o dinamismo económico com a justiça social" explicou Tony Blair em diversos artigos publicados na imprensa europeia. Para o primeiro-ministro britânico, "os socialistas não tem que permanecer imóveis guardiões dos dogmas passados". Por esta razão propõe uma mudança de enfoque da Internacional Socialista que passa pela abertura das portas ao Partido Democrático dos Estados Unidos.

"Dar uma direcção ao capitalismo"

O primeiro-ministro francês, Lionel Jospin, tem uma opinião diferente. Para ele seria fundamental "dar uma direcção ao capitalismo" porque "trata-se de uma força em movimento que não se sabe para onde vai".

Para Guterres, estes valores podem ser complementares - não é necessário encontrar uma via entre o neoliberalismo e a social-democracia. "Acho que a própria social-democracia tem revelado uma capacidade de se modernizar e de ter em conta na sua própria evolução histórica, valores que vêm de uma perspectiva liberal de esquerda. A este respeito, muitos pensadores norte-americanos tiveram um papel relevante e chamaram a atenção para a importância da iniciativa, das relações e da responsabilidade individual. Isto é perfeitamente compatível e integrável com a herança social-democrata. Esta é a nova síntese ideológica que eu tenho procurado afirmar, pois parece-me que faz parte dos desafios que propõe o novo século".

O seminário nasceu há dois anos a partir de uma proposta de Romano Prodi a Bill Clinton. O actual presidente da Comissão Europeia, que na altura era primeiro-ministro de Itália e líder da Oliveira, ficou entusiasmado com um primeiro debate, em Nova Iorque em Setembro de 1998 entre o Presidente norte-americano e o primeiro-ministro britânico, Tony Blair. Em Abril de 1999, o debate alargou-se ao chefe do Governo italiano, Massimo D'Alema, e ao chanceler alemão Gerhard Schroeder.

Jantar com Benigni

O convite de D'Alema a Guterres aconteceu em Outubro passado, quando o primeiro-ministro assumiu a presidência da Internacional Socialista. Sobre os caminhos futuros do socialismo Guterres explicou ontem que "o socialismo é um movimento que nasce da tradição da esquerda em todo o mundo, mas isso não quer dizer que não deva estar aberto a todas as ideias inovadoras que surgiram na sociedade". "Uma característica própria da esquerda", prosseguiu "é a sua capacidade de mudar e absorver em cada momento os contributos positivos que vêm de diversas origens, procurando dentro dos seus princípios e dos valores fundamentais ter uma resposta cada vez mais adequada às necessidades das pessoas, para que se possa viver cada vez melhor numa sociedade harmoniosa".

No jantar de gala de ontem à noite na Villa La Pietra participou também Javier Solana, o representante da União Europeia para a política externa e de segurança comum. E ainda - a convite especial de Clinton - o actor italiano Roberto Benigni, realizador do filme "A Vida É Bela", que lhe valeu dois Oscars da academia de Hollywood. Estava previsto que durante o jantar, a primeira dama americana, Hillary Clinton, recebesse um prémio da Universidade de Nova Iorque.

A chegada de Bill Clinton a Florença foi marcada por alguma agitação depois de ter havido um alerta de segurança no avião presidencial, quando este se preparava para levantar voo em Atenas. O incidente foi classificado como um "falso alarme". ▲

OUTROS TÍTULOS EM DESTAQUE

- Reformismo para o século XXI

OPINIÃO

- * [A "terceira via" é o futuro do mundo](#)
- * [A minha social-democracia](#)



Pesquisa Rápida
na Edição de Hoje

Ver



SECCÕES

[1ª Página](#)

[Destaque](#)

[A Semana](#)

[Política](#)

[Internacional](#)

[Espaço Público](#)

[Sociedade](#)

[Educação](#)

[Ciências](#)

[Cultura](#)

[Desporto](#)

[Media](#)

[Local Lisboa](#)

[Local Porto](#)

[Última Página](#)

[Ficha Técnica](#)

[SÓ TEXTO](#)

**ÚLTIMA
HORA**

Tempo

Calvin | Bartoon

Programação TV



Destaque

OPINIÃO

A "Terceira Via" É o Futuro do Mundo

Por WILLIAM JEFFERSON CLINTON
Domingo, 21 de Novembro de 1999



Quando me candidatei pela primeira vez à Presidência, em 1991, apelei a uma mudança no nosso partido, a uma mudança na nossa liderança nacional, a uma mudança no nosso país. O povo americano tem sido extraordinariamente generoso para mim, para Hillary, para o vice-presidente, para Tipper [mulher do vice-presidente, Al Gore], para o nosso Governo e, graças ao seu apoio, mudámos as três coisas. As ideias dos homens e mulheres que hoje aqui se encontram baseiam-se nos nossos valores essenciais de oportunidade, responsabilidade e comunidade. Revitalizaram o nosso partido e o nosso país.

Acedemos à Presidência em 1992, em resultado de ideias novas baseadas nesses valores, já que o povo americano via e sentia que os métodos antigos não estavam a funcionar. Vencemos de novo em 1996, porque, com a ajuda de muita gente presente nesta sala, concretizámos esses valores e ideias em acções, permitindo que o novo país voltasse a andar para a frente - ou, nas palavras de Cruz Bustamante, ajudaram as pessoas em concreto.

Agora, à medida que caminhamos para uma nova era e um novo milénio, essas ideias, como sabem, espalharam-se pelo mundo inteiro. Ajudaram os partidos de centro-esquerda a chegar ao poder na Grã-Bretanha, em França, na Alemanha, Itália e Brasil, e determinaram o tipo de debates e discussões a que temos assistido em praticamente todos os países onde a política é levada a sério. A "terceira via" é a via do futuro. (...)

A retórica e a realidade são por vezes coisas diferentes e é melhor quando o não são - quando são uma única coisa. Está demonstrado o impacto que a ideia de centro dinâmico tem sobre as pessoas que se dedicam à reflexão política pelo mundo fora e como as pessoas anseiam por ideias novas: pelo fim de parcerias infrutuosas, por um verdadeiro espírito de colaboração. E onde quer que isso se passe, é bom.

À medida que caminhamos para uma era de informação, nós, democratas, reivindicámos de facto o legado de Franklin Roosevelt, que não é um conjunto de programas, mas um verdadeiro empenhamento na inovação corajosa, na noção de que os novos tempos exigem novas abordagens e amiúde um novo tipo de governação. (...)

Penso que demonstrámos com os resultados obtidos que a nossa "terceira via" é a via certa para a América, para a nossa economia, para a nossa sociedade. Nas próximas semanas, a propósito do Orçamento, assistiremos a um enorme debate sobre as prioridades nacionais. Teremos de tomar uma decisão impensável há cinco ou seis anos e que é saber como iremos usar os frutos da nossa prosperidade. (...)

Assim, apresentei ao Congresso um orçamento com a importante particularidade de responder ao desafio que é o envelhecimento da América poupando e reformando a Segurança Social e a Saúde. Ao atingir esse objectivo, o país deixará de se confrontar, pela primeira vez desde 1835, com o problema do défice. Elevará o padrão educativo e porá fim à promoção social, mas poderá dispor de ensino de apoio, escolas modernas, de mais cem mil professores e com todas as salas de aula equipadas com a Internet no ano 2000. Tornará a América mais segura, com mais polícia local e mais meios para impedir que as armas vão parar às mãos de criminosos. Tornará a América mais forte, graças à agenda da vice-presidência. Proporcionará o pagamento de menos impostos e a prossecução dos objectivos efectivamente incontornáveis sem minar a nossa prosperidade. (...)

Se procedermos como proponho, este país não terá qualquer défice em 2015. Gostaria, agora, de vos dizer resumidamente porque é que penso tratar-se de uma boa ideia. Em primeiro lugar, como todos sabem, vivemos numa economia global. A definição das taxas de juro e o acesso ao capital ocorrem em mercados globais. Se um país rico como os Estados Unidos não apresenta qualquer défice, que significa isso? Significa que as taxas de juro baixarão; significa que haverá mais investimento; significa mais empregos; significa maiores rendimentos. Para o cidadão comum, significa que as suas prestações do carro, da casa, do cartão de crédito, dos empréstimos para a

educação serão mais baixas.

Significa que, quando voltar a haver uma crise financeira mundial, não precisaremos de contrair empréstimos e que os países necessitados, vulneráveis, poderão obter o dinheiro de que precisam a um juro mais baixo, o que quer dizer que os seus cidadãos estarão em melhor situação económica, serão melhores parceiros comerciais para nós, e que as suas democracias serão mais capazes de lidar com as tempestades.

Esta é uma ideia que vai ganhando raízes e que devíamos seguir. Agora, a 16 meses de uma eleição, apercebo-me da atitude do tipo "tenho uma redução de impostos maior do que a tua". Quer dizer, é algo muito atraente, que não demora muito a explicar. É possível fazê-lo num anúncio de cinco segundos: "A nossa redução de impostos é maior do que a deles."

Mas gostaria de lembrar ao povo americano que, em primeiro lugar, há que ter em atenção os resultados que obtivemos nos últimos seis anos e meio, pensando a longo prazo e sendo responsável. Em segundo lugar, todo o cidadão americano comum, e virtualmente todo o cidadão americano mais abonado, estará em melhor situação económica a longo prazo, se dispuser de taxas de juro mais baixas, uma economia mais estável, em expansão, do que de uma redução de impostos a curto prazo. Não sou contra uma redução nos impostos. Temos tido uma boa redução. Mas, se não sanearmos a Segurança Social e a Saúde e se deixarmos que a geração "baby boom" se reforme (...), depositaremos sobre os nossos filhos o fardo de tomarem conta de nós, quando isso é completamente desnecessário, minando a sua capacidade de educar os nossos netos - algo que nunca perdoademos a nós mesmos -, só porque há eleições daqui a 16 meses. Está errado. (...)

Termino. Robert Kennedy, que creio que procurava fazer algo semelhante ao que temos vindo a fazer, quando a sua vida e a sua carreira foram interrompidas em 1968, disse: "O idealismo, aspirações elevadas e convicções profundas não são incompatíveis com o mais eficaz e pragmático dos programas. Não há qualquer incompatibilidade de base entre ideais e possibilidades realistas. Não há divórcio entre os desejos mais profundos do coração e da mente e a prática racional resultante do esforço humano face aos problemas humanos." Esta é uma boa descrição daquilo em que acreditamos e daquilo que vimos fazendo.

(Documento preparatório da cimeira de Florença)

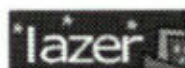
*Presidente dos Estados Unidos da América 🇺🇸

OUTROS TÍTULOS EM DESTAQUE

- * [Reformismo para o século XXI](#)

OPINIÃO

- * [A "terceira via" é o futuro do mundo](#)
- * [A minha social-democracia](#)



Pesquisa Rápida
na Edição de Hoje

Ver



SECCÕES

[1ª Página](#)

[Destaque](#)

[A Semana](#)

[Política](#)

[Internacional](#)

[Espaço Público](#)

[Sociedade](#)

[Educação](#)

[Ciências](#)

[Cultura](#)

[Desporto](#)

[Media](#)

[Local Lisboa](#)

[Local Porto](#)

[Última Página](#)

[Ficha Técnica](#)

[SÓ TEXTO](#)

ÚLTIMA
HORA

Tempo

Calvin | Bartoon

Programação TV



Destaque

OPINIÃO

A Minha Social-democracia

Por LIONEL JOSPIN

Domingo, 21 de Novembro de 1999



Uma das lições deste século, para a social-democracia, e de que não restam dúvidas, é que já não é possível defini-la como "sistema". Sistema capitalista, sistema de economia planificada: hoje, pensar e agir em termos de sistemas não me parece ser um imperativo. E definir um novo sistema, também não. Já não sei o que seria o socialismo enquanto sistema. Mas sei o que é o socialismo enquanto conjunto de valores, movimento social, prática política. Mais do que um sistema, a social-democracia é um modo de reger a sociedade e de pôr a economia de mercado ao serviço dos homens. É uma inspiração, uma maneira de ser, um modo de agir, uma referência constante com valores simultaneamente democráticos e sociais.

Assim, aceitamos a economia de mercado porque é a maneira mais eficaz - desde que tenha regras e seja enquadrada - de atribuir os recursos, estimular a iniciativa, recompensar o trabalho e o esforço. Em contrapartida, recusamos "a sociedade de mercado", porque se o mercado produz riqueza, não produz em si nem solidariedade, nem valores, nem projecto, nem sentido. Uma vez que a sociedade não se resume a uma troca de mercadorias, o mercado não pode ser o seu único animador. Portanto, nós não somos "liberais de esquerda". Nós somos socialistas. E ser socialista é afirmar que existe uma supremacia do político sobre o económico. [...]

Penso que a crise da social-democracia está em parte resolvida. As ilusões da vaga liberal caíram por terra. A social-democracia soube renovar os seus dirigentes e começou a refazer a sua identidade política. Este trabalho está longe de ter acabado, mas está em curso e eu estou confiante. Uma parte deste trabalho é feito à escala europeia. E isso é lógico, uma vez que o socialismo é uma ideia europeia, nascida na Europa, elaborada por pensadores europeus. [...]

Os sociais-democratas terão mais força se trabalharem em conjunto à escala europeia. Mas com uma condição: têm de compreender que devem ter em consideração e preservar as realidades nacionais, as histórias pessoais, as referências ideológicas e as paisagens políticas tal como são. Esta é uma das conclusões que eu tiraria dos debates em curso no seio da social-democracia europeia. As especificidades nacionais são frequentemente negligenciadas pelos observadores. Elas têm de ser tomadas em consideração pelos responsáveis políticos.

Por exemplo, a Grã-Bretanha sempre foi mais "mundializada" do que a França. Foi a Grã-Bretanha que inventou o comércio livre e lhe deu vida - sabendo manejar, quando os seus interesses o exigiam, a preferência imperial... Sem dúvida que a revolução thatcherista limou valores e sensibilidades que subsistem em França. Subir ao poder no fim da experiência Thatcher não tem o mesmo significado que governar depois de Balladur e Juppé. E a nossa paisagem política também é muito diferente. O regresso da maioria absoluta a um só partido ou a uma coligação de cinco movimentos, como é o caso em França, definiu condições políticas bem distintas.

Neste contexto, interrogar-se sobre "a via boa", ou escolher entre "a via Blair", "a via Schroder" ou "a via Jospin", não me parece que faça grande sentido. Deste ponto de vista, eu não saberia muito bem definir o que é "a terceira via". Se a "terceira via" se situa entre o comunismo e o capitalismo, então ela não passa de uma nova denominação, própria dos britânicos, do socialismo democrático. O que não quer dizer que em França nós pensamos de forma idêntica. Se, pelo contrário, ela pretende intercalar-se entre a social-democracia e o liberalismo, então eu não me retracto nela. Aqui, uma vez mais, não é necessário estar "entre uma coisa e outra". Penso, na verdade, que a "terceira via" é a forma nacional que tomou, no Reino Unido, o trabalho de refundação teórica e política levado a cabo por todas as formas socialistas ou sociais-democratas através da Europa. [...]

Durante muito tempo, o socialismo foi definido como a apropriação colectiva dos meios de produção. Hoje isto já não tem o mesmo sentido. Assim, a nossa política industrial ultrapassou a questão da natureza da propriedade dos meios de produção. Podemos certamente justificar a apropriação pública num determinado número de sectores no que toca quer à segurança nacional, quer à necessidade de atingir, através do serviço público, objectivos que não possam ser tomados em consideração pelo mercado. Mas a defesa do interesse nacional - nomeadamente nas indústrias de

ponta ou estratégicas - e a luta pelo emprego podem justificar alianças industriais com empresas privadas francesas ou estrangeiras, em particular europeias. Não pretendo bloquear essas alianças em nome da apropriação colectiva dos meios de produção, ou seja, da maioria pública do capital. Se o fizesse, isso voltar-se-ia contra nós, contra os assalariados dessas empresas e contra os franceses, uma vez que essas alianças se justificam nos planos político e económico. O que conta, para mim, neste caso, são os fins da política industrial que nós dirigimos: o emprego, o crescimento, o poder económico e industrial das nossas empresas, o lugar da França. Se para defender esses objectivos for necessário abrir o capital de uma empresa pública, ou mesmo privatizá-la, então consentiremos. [...]

Ser socialista é construir uma sociedade mais justa. É portanto esforçar-se para reduzir as desigualdades. [...] Nós estamos vocacionados para tornar a sociedade menos dura para os fracos e mais exigente para os fortes. O Estado-providência contribui para isso. Quando ele atravessa uma crise, nós devemos reformá-lo. Mas recusamo-nos a desmantelá-lo. [...] Temos, portanto, de ser capazes de desenvolver o Estado-providência conjugando o voluntarismo e a concertação. [...]

Actualmente, a social-democracia tem de se lembrar que se desenvolveu em relação à "questão social" e, ao mesmo tempo, conseguiu ultrapassá-la. É preciso ter em conta as novas desigualdades. Temos de agir com um esforço especial quando se acumulam desigualdades de rendimentos e de património com desigualdades no acesso à habitação, à saúde, à informação, ao exercício da cidadania, ou ainda com as desigualdades entre os sexos. [...]

Em torno desta exigência, temos de juntar as camadas médias e "deixá-las por sua conta". [...] Temos de procurar a melhor arbitragem entre as camadas sociais. Aquelas que se satisfazem com a sociedade actual e não querem ser penalizadas pelo "custo" de um acréscimo de igualdade. Aquelas para as quais a noção de igualdade e o seu aprofundamento concreto são fundamentais. Para mim, a resposta dos socialistas é "reconciliar" as classes médias e populares cujos interesses possam ser diferentes e por vezes divergentes e fazê-las progredir.

Temos de nos apoiar nas forças motrizes da sociedade tendo em conta os problemas das forças "excluídas". [...] A nossa política visa a reintegração de todos no seio da sociedade. É este o sentido profundo do "pacto republicano" que fizemos com os franceses. [...]

Quanto às classes médias, uma parte compreende que o ultraliberalismo económico é uma ameaça para si. Esta não foi, portanto, automaticamente conquistada pela direita. Em primeiro lugar, por razões relacionadas com o seu modo de vida e com os seus costumes, a esquerda parecia-lhe mais moderna. Mas também porque a precariedade pode atingir os quadros, que aprovam o tema da regulação. De igual modo, os criadores ou os dirigentes das PME apercebem-se de que a esquerda resolve os problemas que a direita não sabia tratar.

Os empresários apercebem-se de que a esquerda se interessa pela criação de empresas, pela inovação, por correr riscos, pela simplificação administrativa. Temos, portanto, de fundar uma nova união de classes, de acordo com a nossa base sociológica e com os interesses do país.

*primeiro-ministro francês ▲

OUTROS TÍTULOS EM DESTAQUE

- * [Reformismo para o século XXI](#)

OPINIÃO

- * [A "terceira via" é o futuro do mundo](#)
- * [A minha social-democracia](#)